

Perceber o Mundo: apontamentos sobre a cognição de processos planetários

Danilo Arnaut¹²

Resumo

Este ensaio é um conjunto de reflexões a respeito de questões de cunho metodológico e epistemológico enfrentadas pelas diversas tentativas de inteligência de processos de globalização. Primeiro, trato do problema da captação de fenômenos e processos de alcance mundial. Em seguida, retomo alguma das “ilusões” epistemológicas que se produzem e reproduzem em escala mundial. Aqui reflito, particularmente, sobre a diferenciação entre duas dimensões da realidade, isto é, entre uma realidade universal, ideal, e uma realidade descritiva, efetiva ou propriamente global; sobre a concepção da globalização como ruptura; bem como a reconstrução categórica da ideia de sociedade. Por fim, procuro refletir a respeito do papel da palavra na inteligência da globalização. Mais especificamente, procuro apresentar uma posição reflexiva sobre a importância metodológica das metáforas nos estudos globais.

Palavras-chave: Sociologia da Globalização; Sociologia do Conhecimento; Modernidade.

Abstract

This paper is a set of methodological and epistemological reflections about a variety of attempts made to the perception and cognition of the globalization phenomena. Firstly, I examine the question of capturing worldwide phenomena and processes. Secondly, I discuss some epistemological 'illusions' which are widely produced and reproduced, focusing particularly on the distinction between two dimensions of reality – an ideal and universal reality, such as a descriptive, effective and properly global reality –, on the concept of globalization as a type of rupture, as well as on the categorical reconstruction of the idea of what society is. The final part is dedicated to the word 'globalization'; the aim is to show a reflexive position on the methodological importance of metaphors for global studies.

Key-words: Sociology of Globalization; Sociology of Knowledge; Modernity.

Uma reflexão a respeito do fenômeno da globalização faz pouco sentido se desmembrada dos diversos modos pelos quais o tema tem sido problematizado nas ciências sociais mundialmente, isto é, do debate “global” sobre a globalização. É claro que não podemos alimentar a ilusão de que esse debate ocorra de maneira homogênea, simétrica,

¹² Mestrando em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP), sob orientação do prof. Dr. Renato Ortiz e com apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduado em Ciências Sociais (IFCH-UNICAMP) e graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) E-mail: daniloarnaut@gmail.com.

independente de configurações de poder e hegemonia no jogo das linhas de força que envolvem a globalização (por isso as aspas, que são propositais). Entretanto, há um conjunto de questões que aparecem, ainda que de modos diversos, imiscuídas em quase todas as teorias e diagnósticos a respeito da atual condição de globalização. Mais ainda, com o amadurecimento do debate sobre a globalização, surge a necessidade de retomar questões propostas anteriormente, no decorrer de um debate de dimensões mundiais. O que a leitora, ou o leitor, tem nas mãos é um pequeno ensaio com observações preliminares a respeito de algumas dessas questões.

Primeiro, trato do problema da captação de fenômenos e processos de alcance mundial (I). Em seguida, retomo alguma das “ilusões” epistemológicas que se produzem e reproduzem em escala mundial. Aqui reflito sobre a diferenciação entre duas dimensões da realidade, isto é, entre uma realidade universal, ideal, e uma realidade descritiva, efetiva ou propriamente global; a concepção da globalização como ruptura; bem como a reconstrução categórica da ideia de sociedade (II). Por fim, procuro compor uma reflexão – talvez aparentemente insignificante, mas fundamental – a respeito do papel da palavra na inteligência da globalização. Mais especificamente, procuro apresentar uma posição reflexiva sobre a importância metodológica das metáforas nos estudos globais (III).

I

Há uma tônica geral que parece trespassar todo o debate sobre a globalização: a ideia de que os estudos globais devam ser abrangentes, integrativos. Essa é, creio, uma *intenção* necessária: do contrário, não haveria estudos globais, não seria possível constituir “o mundo” (as aspas são, mais uma vez, propositais) como objeto científico. Essa perspectiva implica, porém, ao menos duas dificuldades teórico-metodológicas. Primeiramente, criou-se uma falsa impressão de que os fenômenos globais dão-se “globalmente”. Contra isso, Roland Robertson¹³ forjou a categoria “glocalização” com intuito de sublinhar o fato de que o local e o global não deveriam ser vistos como dimensões excludentes, mas sim como partes um do outro; desde Robertson, procura-se sustentar que muito do que é global dá-se localmente, que o local é um aspecto do global¹⁴. Embora esse seja um *insight* precioso, os desdobramentos dessa perspectiva “glocal” parecem implicar uma insuficiência analítica na medida em que

¹³ Robertson (1992).

¹⁴ Ver, entre outros, André-Jean Arnaud (2007), Ulrich Beck (1997, 2000), Néstor G. Canclini (1999), e é possível encontrar menção a isso também em Thomas Risse (2007).

induzem a uma submissão dos complexos fenômenos e processos globais à métrica do espaço. Nesse sentido, um autor como Helmuth Berking chama a atenção para o fato de que situar o global em oposição ao local, ao nacional ou ao regional pode também ser, analiticamente, pouco profícuo. Para ele, não faz sentido que estes sejam, em última análise, pensados a partir da categoria do territorial, enquanto o global é pensado exclusivamente em termos de desterritorialização. A formulação, embora aparentemente simples, quando colocada desse modo expressa o caminho trilhado por parte significativa das teorias da globalização: “tipicamente 'sociedade' e o nacional, assim como 'mundo' e a métrica global, são, de alguma forma, soldados nas teorias da globalização”¹⁵.

Uma segunda implicação dessa tendência à busca pela abrangência analítica é a impressão não menos discutível de que a globalização não passaria de um discurso ou de uma perspectiva discursiva. Essa ideia assenta-se no pensamento de que a globalização, estando além da capacidade humana de investigação e entendimento, deva ser entendida meramente como um modo de enfocar a realidade, ou uma perspectiva discursiva ou analítica, como proposto por Therborn¹⁶ e, anos antes, até mesmo pelo próprio Berking, quando trata a globalização nos termos da emergência de *um* “discurso de globalização” (*Globalisierungsdiskurs*)¹⁷. Do ponto de vista sociológico, pode-se dizer que haja, de fato, diversos discursos *de* globalização (no plural), e também *sobre* a globalização; o problema é que parece ilusório acreditar que a globalização seja produzida fundamentalmente por, ou mesmo se reduza a um ou muitos “discursos globalizantes”.

Creio que a globalização deva ser compreendida, antes (e para além dessas formulações), como um fenômeno da realidade empírica, envolvendo processos, estruturas e relações sociais *dessemelhantes, assimétricos e diversos*. Sim, é importante ter clareza de que as categorias espaciais (assim como as temporais) não são realidades *a priori*, mas expressam marcos estabelecidos, historicamente, pelo patrimônio cognitivo da humanidade e assumidos pelo pensamento sociológico. Numa situação de globalização, parece-me mais profícuo buscar investigar as relações, processos e estruturas que envolvem, engendram ou coexistem com esses marcos categóricos que estão em constante modificação, (re)configuração, e mesmo desaparecimento.

¹⁵ Berking (2008: 133), grifos do autor.

¹⁶ Therborn (2001).

¹⁷ Cf. Berking (2002).

Mas há, aqui, um porém. Reconhecer que a perspectiva do discurso não é basilar, nem determinante, não significa rejeitar o fato de que ela seja, em certa medida, bastante frutífera. Muito ao contrário. O discurso pode ser uma excelente fonte de percepção dos processos globais, um fenômeno heurístico exemplar. Trata-se apenas de separar o joio do trigo, ou seja, de distinguir entre uma estratégia de investigação e um motor que desencadeie ou determine por princípio a produção da globalização. Cabe lembrar, quanto a isso, a proposta de Foucault, em uma célebre aula inaugural de história dos sistemas de pensamento, de que o discurso *produz* a verdade¹⁸. Isso significa que, não estando comprometido com a verdade (lembremo-nos de que se trata de um texto filosófico), o discurso privilegiaria certos enunciados, marginalizando outros, em contrapartida. Nessa concepção, o fundamental não seria nem a verdade, nem aquilo que compõe esse discurso, isto é, sua substância, mas sim a sua posição em meio às tensões sociais. Do ponto de vista sociológico, ainda que a globalização não possa ser compreendida como um produto do discurso, a investigação das dimensões discursivas dos fenômenos e processos globais pode ser um importante minadouro de aspectos heurísticos, através dos quais pode-se perceber, atravessando-se a estrutura e o corpo do discurso, as diversas tensões sociais dentro das quais se situam os enunciados, sejam eles privilegiados ou marginalizados, desvendando, assim, o que está na origem das aparências.

II

Globalização rima com transformação, revolução, cosmopolitização, transnacionalização, individualização, assim como glocalização, desterritorialização, mundialização da cultura, aproximação e distanciamento. Entretanto, rima também com ilusão. Parece que a dimensão planetária, magnífica e magnânima, quase inimaginável, da globalização termina por confundir a percepção dos seus fenômenos e processos. Sim, o pensamento sobre a globalização também reúne um conjunto de quimeras, que enganam os sentidos e o raciocínio. Essas ilusões não dizem respeito somente a uma produção unicamente midiática e, até mesmo, pseudocientífica, que pode ser encontrada na mídia eletrônica e cibernética. Esse tipo de discurso (e aqui tratamos dele novamente) apresenta-se, com frequência, de modo tão simplório e reducionista que uma reflexão um pouco mais detida a seu respeito já costuma ser capaz de desvendar mesmo que apenas parte de suas ilusões. Ao

¹⁸ Ver Foucault (1970).

menos no debate científico, esse “príncipe eletrônico”, para falar como Octavio Ianni¹⁹, (ainda) não logrou subsumir por completo a reflexão e a reflexividade. Ele é, sempre que apropriado (isto é, com altíssima frequência), rapidamente associado à ideia de senso comum (nos diversos sentidos que ela toma, desde Aristóteles). Do mesmo modo, não quero, aqui, me referir a uma literatura sobre globalização produzida e difundida por instrumentos como a *Harvard Business Review*, interessada, não na globalização propriamente dita (embora usem o termo), mas na expansão mundial do mercado e, potencialmente, dos negócios dos seus leitores. Tanto esse tipo de literatura economicista quanto a mídia eletrônica e cibernética costumam difundir e reproduzir a ilusão de que “tudo se globalizou”, isto é, ignoram a diversidade e o caráter processual da globalização²⁰.

Há, porém, os mal-entendidos que pertencem a um bom senso, ou a um senso incomum. Eles são menos óbvios, mas nem por isso menos problemáticos. Sim, mesmo grandes estudiosos do tema parecem ser, vez que outra, ludibriados pela cortina de ilusões que permeia a atual situação de globalização. Certamente, não seria possível esgotá-las aqui: não ousaria sequer tentar fazê-lo, como se pretendesse estar imune às possibilidades de engano. Valeria a pena, porém, apontar três desses “mal-entendidos”, pois estou convencido de que a reflexão sobre esses aspectos pode ser frutífera para o debate.

O primeiro deles (e, talvez, o mais importante) é a falta de clareza a respeito de duas dimensões essencialmente distintas: uma dimensão preferencialmente conceitual e uma outra dimensão realmente efetiva da globalização. Essa distinção tem sido proposta por Ortiz²¹, quando procura diferenciar entre as categorias do “global” e do “universal”, e está presente também em alguns dos mais recentes trabalhos de Beck, ainda que de outro modo. No caso de Beck, a reflexão se dá na tentativa de fundamentar uma distinção entre um processo de cosmopolitização, descritivo, e o projeto (filosófico) do cosmopolitismo²². Cabe ressaltar, no entanto, que essa distinção não me parece ter sido suficiente para circunscrever os limites factuais entre essas duas dimensões: em certo sentido, configuram metáforas que expressam concepções muito similares na teoria beckina. O maior problema do cosmopolitismo, e

¹⁹ Ver, em especial, Octavio Ianni, (2000), em especial o capítulo IV. O “príncipe eletrônico” pode ser entendido como uma apropriação da figura do *príncipe*, de Maquiavel, bem como da do *moderno príncipe*, de Gramsci, para compreender a influência das mídias eletrônicas no mundo contemporâneo.

²⁰ Para uma análise detida dessa literatura economicista, nos moldes em que a apresentei, recomendo a leitura de Renato Ortiz (2006).

²¹ Ortiz (2007).

²² Ver, entre outros, Ulrich Beck (2002, 2004); também Ulrich Beck & Edgar Grande (2010).

também da cosmopolitização, é a pressuposição das dinâmicas e das consequências próprias do sucesso da modernidade (seja ela classificada como “primeira” ou “segunda”)²³. Quanto a isso, não obstante, quero chamar a atenção para um ponto: ainda que a conclusão não me pareça convincente, vale a pena observar como Beck compõe o raciocínio. “Minha tese é: a realidade torna-se ‘cosmopolita’. Precisamos compreender que não há um cosmopolitismo puro [*rein*]: há somente um cosmopolitismo deformado. Daí precisarmos de uma ciência social cosmopolita”²⁴. O raciocínio me parece valioso. Beck tem buscado, mais recentemente, aproximar o cosmopolitismo das diversidades próprias dos processos sociais, esforçando-se para distinguir uma dimensão descritiva (própria às ciências sociais) de outra normativa (que ele identifica, nessa perspectiva, com os modelos cosmopolitas da filosofia e da religião).

Em certo sentido, a mesma distinção pode ser formulada também a partir de uma reflexão presente no próprio campo da filosofia do conhecimento. Aqui, pelo menos desde o sensualismo de Locke há uma busca por distinguir entre o ideal e o possível, em termos próximos aos que mobilizamos contemporaneamente.

Os *sens* [“sentidos”, “sensações”] constituem atributos humanos, ligados ao corpo e à mente [...] de maneira necessária, embora não se confundam. A “realidade” percebida pelos *sens* e, a partir deles, pela mente, não pode ser tomada por “a Realidade”. O que é percebido consiste em uma “efetividade”, forjada numa relação especular (que é a metáfora hegeliana do espelho, *Spiegel*), isto é, mediada pelos limites do corpo e da razão humanos. O cotidiano, os atos, os sentimentos são efetivos (*wirklich*, em alemão), estão sujeitos à intervenção do homem, em maior ou menor medida. “A Realidade” (o termo germânico, deriva do latino: *Realität*) denota aquilo que é, o Ser (*das Sein*), a Natureza, o Universo, o Tempo. O *sens* enquanto sentido, razão de ser, sendo parte do Ser, é *real*; o *sens* como sentido físico ou fisiológico, experiência, sensação, sentimento, sensibilidade, compreensão, julgamento, aceção, e assim por diante, é *wirklich*, isto é, está na esfera da efetividade²⁵.

Em seus escritos, Renato Ortiz expressa essa distinção, como dito, em termos de uma delimitação, na história do pensamento, entre os atributos do *global* e do *universal*. A proposta de Ortiz ajuda a elucidar o fato de que o global e o universal são categorias situadas em campos distintos do pensamento e da realidade, embora caminhem de mãos dadas. Ele procura mostrar que as Ciências Sociais, estando amarradas aos seus contextos, têm dificuldades para universalizar a sua explicação, mas que, no entanto, também não podem

²³ Pude desenvolver melhor essa questão em Arnaut (2010).

²⁴ Ulrich Beck (2006: 253), tradução minha, grifos do autor.

²⁵ Arnaut (2011), grifos no original.

perder essa “intenção” de universalidade. Dessa maneira é possível repensar o lugar da interpretação dos fenômenos e processos globais, situando o pensamento e a reflexão sociológicos numa posição intermediária.

Os conceitos encontram-se vinculados ao contexto particular da pesquisa, eles são polimórficos e pouco aptos a se universalizarem (a categoria trabalho não se aplica à compreensão das sociedades indígenas nas quais as relações de parentesco predominam). [...] O pensamento sociológico é sempre um raciocínio de entremeio, algo entre o ideal da universalidade (que é necessário) e o enraizamento dos fenômenos sociais. [...]

Não resta dúvida que as ciências sociais se transformam com o processo de globalização. As mudanças em seu objeto, as relações sociais, requerem um novo olhar, a definição de novas categorias de pensamento. Certamente, ao tomar o mundo como tema de reflexão, seu raio de alcance se expande, liberando-se da territorialidade das regiões ou do Estado-nação. Mas seria incorreto imaginar que as análises sociológicas teriam se tornado, por isso, “mais universais” do que no passado. [...] Convenientemente esquece-se que o cosmopolitismo não é um atributo necessário da globalidade, e que o particularismo do pensamento enuncia-se tanto em dialeto, quanto em linguagem mundial, pois, na condição da modernidade-mundo, é perfeitamente plausível, e corriqueiro, ser globalmente provinciano²⁶.

Um segundo aspecto que merece ser melhor analisado na literatura científica sobre a globalização seria a noção de ruptura histórica e epistemológica, assim como a ideia de que é possível uma “virada” radical nas bases do pensamento social. Já no segundo capítulo indiquei que o uso da ideia de ruptura para pensar as transformações que causam e advêm da globalização é arriscado: ainda que seja útil para nos darmos conta de que estamos diante de “algo” novo, não se deve entender, por isso, que “tudo mudou”. A globalização situa-se no fluxo da história, em meio às suas tensões e complexidades²⁷. Num esforço para mostrar a globalização como novidade, um sinal presente e premente do futuro, esquece-se de que, se a globalização não surge “do nada” (o que seria uma suposição grosseira), também não pode ser concebida nos termos de uma negação do passado. Sim, a perspectiva de uma ruptura pressupõe a superação de algo, fato e interpretações, de modo que “seria, portanto, necessário refundar um saber em ruínas. Dificilmente as Ciências Sociais se encaixariam dentro desta perspectiva. Não existe ruptura, a criatividade, a abertura para o novo enraíza-se no solo da

²⁶ Renato Ortiz (2008: 104-105 e 191-194), grifos do autor.

²⁷ Vale lembrar, aqui, o trabalho de J. Urry (2003).

tradição que permanece e a antecede”²⁸.

Um terceiro aspecto a ser posto em questão é a própria categoria de sociedade num contexto de globalização. Refiro-me, em particular, à ideia de uma sociedade global ou mundial. Trata-se, no limite, de uma metáfora do desconhecido, que leva em conta uma gama de categorias formuladas com respeito ao Estado nacional. É assim que a ideia de sociedade global formulada e reformulada ao menos desde os trabalhos de Niklas Luhmann²⁹, toma, por vezes, a aparência de um Estado nacional expandido. É possível até pensar que essa projeção categórica não deixe de ser coerente. Recordo-me, por exemplo, que Ernest Renan³⁰ observava que a constituição de uma nação envolve não somente uma memória compartilhada, mas uma soma de memórias coletivamente esquecidas. Nesse sentido, parece-me que caminhamos para o mesmo tipo de experiência em nível mundial: pode-se dizer que há uma história, que é cada vez mais efetivamente mundial, ainda que diga respeito a indivíduos, fenômenos ou ocorrências aparentemente isolados. Dito de outro modo, há uma representação coletiva de memórias e esquecimentos no curso da história global. Muito, é claro, diz respeito à veiculação das notícias através das mídias que, já há tempos, trespassam as fronteiras nacionais. Mas é preciso perceber que essa veiculação não é o processo em si, mas apenas uma dimensão dele: não parece razoável pensar que a “globalização do noticiário” corresponda à globalidade das ocorrências, ainda que as influencie. Pode-se dizer que a mídia veicula informações que se desterritorializam e nos permitem criar uma “representação global”, um sentimento historicamente diferenciado de *estar no mundo* e, assim, de ser *parte* dele. Sim, a globalização compõe também um imaginário específico – como o fizeram os processos de nacionalização e colonização, feudalização, citatização e assim por diante. A ideia de uma sociedade global não pode desconsiderar a reconfiguração histórica desses sentimentos de pertencimento.

Por outro lado, ocorre que uma (re)invenção da sociedade em moldes nacionais expandidos em âmbito mundial não pode olvidar outro aspecto (eminentemente político): a esfera pública existente hoje nos Estados nacionais não se realiza, efetivamente, em nível planetário. Contra isso há, certamente, a proposta beckianna de um conjunto de normas

²⁸ Renato Ortiz (2009: 244).

²⁹ Ver, em especial, Niklas Luhmann (1971). Sobre o caráter precursor dos trabalhos de Luhmann e para uma visão crítica das apropriações da categoria “sociedade-mundo”, tenho um texto que se encontra nos anais do III EICS, realizado na UFPel, em 2012, intitulado “*Die Weltgesellschaft*: Niklas Luhmann como precursor da Sociologia da Globalização” (cf. ARNAUT, 2012).

³⁰ Ernest Renan (1882).

baseadas nos direitos dos seres humanos, pois que eles, no fundo, *precederiam* normas e legislações existentes entre nações, internacionais. Isso implicaria porém, como observei anteriormente, um conjunto de acordos e expectativas que legitimariam essas normas. Ora, se essa proposta se realiza, dá-se a perda definitiva da prerrogativa (weberiana) fundamental do Estado numa sociedade organizada em moldes nacionais: a existência de uma instituição que controla e arbitra, acima de todas as outras, detendo o monopólio legítimo da força física³¹. A proposta de Beck é, certamente, cativante, mas talvez oculte uma ingenuidade. O Estado nacional é uma arena de poder político, um poder que tende a expandir-se, mas também a concentrar-se. A questão parece ser: será que a sociedade global pode, efetivamente, realizar-se como sociedade humana? Mais precisamente: estamos preparados para uma situação política de poderes cuja distribuição é assegurada fundamentalmente por acordos, ou a globalização nos reserva a materialização de uma concentração magnânima de poder e violência, sob um cetro que ainda desconhecemos?

III

Dar nome é atribuir significado. A emergência da globalização como problemática nas Ciências Sociais provocou o surgimento de neologismos e ressignificações que compõem um conjunto de metáforas da globalização. Vale a pena voltar a essa questão e observar que metáforas implicam também classificações (fico tentado, aqui, a recordar Saussure e Lévi-Strauss). Nesse sentido, se as chamo de metáforas, isso já significa algo, indica a eleição de um modo pelo qual pretendo compreendê-las. Aliás, é possível dizer, em certo sentido, que metáforas em muito se assemelham a fronteiras políticas, especialmente numa situação de globalização como a atual. Sim, toda metáfora é também uma fronteira, na medida em que suspende os limites do pensamento, criando novas diferenciações. Do ponto de vista sociológico, metáforas podem ser mais que simples figuras de linguagem e estilo. Elas expressam, simultaneamente, a separação e a conexão entre dois ou mais pensamentos. Nesse sentido (se a leitora ou o leitor me permite o jogo de ideias), toda fronteira pode ser entendida como uma metafórica na medida em que estabelece critérios de comparação, de medição, definição, inclusão e exclusão. Sim, fronteiras podem ser vistas como metáforas de escolhas, uma vez que toda fronteira é também arbitrária. Sendo assim, implica a negação de outras possibilidades, isto é, constitui-se como expressão (ou como metáfora) das materializações

³¹ Max Weber (1919).

históricas dos seus limites, da sua estreiteza e, em muitos casos, de sua aparente universalidade. Se as fronteiras, em geral, se pretendem eternas, as metáforas também podem tomar uma aparência universal, sendo, de fato, singulares, particulares, próprias dos contextos dentro dos quais se inserem.

Sim, metáforas dizem respeito a contextos específicos de possibilidades de imaginação. No debate sociológico sobre a globalização, isso não se dá de maneira diferente. Cada uma dessas metáforas que compõem as teorias da globalidade em emergência está arraigada em historicidades e temporalidades específicas. Aqui voltamos ao problema da (não) abrangência. Estando arraigadas (ou enraizadas, para falar como Ortiz), certas metáforas podem não fazer sentido quando mudamos o registro, o ponto de partida das linhas de perspectiva. E uma mesma metáfora pode se desdobrar em muitas outras. Esse é o caso, para dar um exemplo, da metáfora do globalismo, neologismo criado a partir da necessidade de expressar certos movimentos da globalização do capitalismo. Esse caso é exemplar. A mesma metáfora assume contornos profundamente diversos em autores que são, não obstante as divergências, contemporâneos. É assim que, para Ianni, o globalismo está na origem da globalização, sendo um dos nomes do próprio capitalismo (expandido em nível planetário); ao mesmo tempo, para Beck, o globalismo expressa um efeito colateral, uma ideologia que desenvolve-se em meio às dinâmicas do sistema capitalista. O globalismo figura aqui, de modo exemplar, a polissemia e também o sempre latente (ou potencial) mal-entendido das metáforas como ferramentas do trabalho intelectual de construção e reconstrução de um debate que ainda não dispõe de um léxico comum.

Referências

ARNAUD, A-J. *Governar sem fronteiras entre globalização e pós-globalização: crítica da razão jurídica*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

ARNAUT, D. “Filhos do Mundo: notas sobre uma narrativa cosmopolita”, *Habitus*, 8.2, pp. 39-53.

_____. “Les sens du Connaître”, *Pontes*, 31, 2011, pp. 33-47.

_____. “Die Weltgesellschaft: Niklas Luhmann como precursor da Sociologia da Globalização” in *Crise e Emergência de Novas Dinâmicas Sociais* (anais do III Encontro Internacional de Ciências Sociais). Pelotas: UFPel, 2012.

BECK, U. *Was ist Globalisierung?: Irrtümer des Globalismus, Antworten auf Globalisierung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007 (1997).

_____. *Liberdade ou capitalismo (Ulrich Beck conversa com Johannes Willms)*. São Paulo: UNESP, 2003 (2000).

_____. *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*. Paris: Flammarion: 2003 (2002).

_____. *The cosmopolitan vision*. Cambridge: Polity Press, 2004.

_____. “Kosmopolitierung ohne Kosmopolitik: Zehn Thesen zum Unterschied zwischen Kosmopolitismus in Philosophie und Sozialwissenschaft”, in H. Berking, *Die Macht des Lokalen in einer Welt ohne Grenzen*, Frankfurt: Campus, 2006.

_____; GRANDE, E. “Jenseits des methodologischen Nationalismus: aussereuropäische und europäische Variationen der Zweiten Moderne”, *Soziale Welt* 61, 2010, S. 187-216.

BERKING, H. “Global Village oder urbane Globalität? Städte im Globalisierungsdiskurs”, in H. Berking; R. Faber (Hg.) *Städte im Globalisierungsdiskurs*. Würzburg: Königshausen & Neumann Verlag, 2002.

_____. “Globalisierung”, in Baur (et al.) (Hg.) *Handbuch Soziologie*, Wiesbaden: VS, 2008.

CANCLINI, N. *La globalización Imaginada*. Barcelona: Paidós, 1999.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, São Paulo: Loyola, 2007 (1970).

IANNI, O. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LUHMANN, N. “Die Weltgesellschaft” in *Soziologische Aufklärung II: Aufsätze zur Theorie der Gesellschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1975 (1971).

ORTIZ, R. “Anotações sobre o universal e a diversidade”, *Revista Brasileira de Educação*, 12(34), 2007.

_____. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006

_____. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008

RENAN, E. *Qu'est ce qu'une nation ?* (1882). Disponível online em <http://identitenational.canalblog.com/archives/2008/10/02/10803170.html>, acesso em outubro de 2012.

RISSE, T. “Social Constructivism Meets Globalization”, in Anthony McGrew & David Held (ed.) *Globalization Theory: Approaches and Controversies*. Cambridge: Polity Press, 2007.

ROBERTSON, R. *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage, 1992.

THERBORN, G. “Globalização e desigualdade: questões de conceituação e esclarecimento”, *Sociologias* (UFRGS), 3(6), 2001, pp. 122-169.

URRY, J. *Global Complexity*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2003.

WEBER, M. *Politik als Beruf*. (1919) Disponível *online* em <http://www.zeno.org/Soziologie/M/weber,+Max/Schriften+zur+Politik/Politik+als+Beruf>, acesso em novembro de 2012.